



## 🎵 sobre o Clássico: *uma apropriação ao texto de Hênio Tavares*<sup>1</sup>

O ponto de partida da escola clássica<sup>2</sup> está, remotamente localizado na arte grega e latina. Modernamente, vamos encontrá-lo no Humanismo, movimento cultural que se deu na Itália, no século XIV e que se irradiou pelos países europeus, dominando amplamente a partir dos séculos XV e XVI, o Renascimento<sup>3</sup>. O Humanismo<sup>4</sup>, em sentido amplo, pretende conduzir o homem ao seu fim próprio, levando-o à perfeição limitada na perfectibilidade humana. Sua finalidade, pois, é de explorar a perfectibilidade do homem, apurando-a até o seu mais alto grau. Enquanto na Idade Média a vida se revestia de um aspecto geral teocêntrico na Renascença operou-se um antropocentrismo, já que o homem ocuparia o ponto central e fundamental. Na Renascença o humanismo se manifesta como uma atividade de erudição filológica: o inventário magnífico das obras gregas e latinas passou a ocupar lugar proeminente ou exclusivo das atenções dos homens de cultura - os *humanistas*, de cuja campanha pareceu ter “renascido” aquele tesouro a tantos séculos olvidado. Daí o “Renascimento” ou “Renascença”, para nomear um dos períodos mais significativos de toda a história universal.

### 1. Usos e sentidos do termo “Clássico”

- Sentido específico ou restrito: o artista é considerado um clássico, quando adota os processos recomendados pela escola clássica, com ela identificando-se. (Ex. Mozart);
- Sentido amplo ou sinfônico: o artista é considerado clássico, quando, devido às qualidades e ao estilo vital de sua obra torna-se modelo da arte que realiza, independente do tempo e do espaço, da época e da escola. Neste sentido, o que conta é que o autor ou obra pode ser apontado como modelo, como padrão, importa tão somente a legitimidade e valor de sua arte, independente de sua orientação estética, sua filiação a determinada escola ou tendência. Por exemplo: um Wagner (romântico), um Debussy (impressionismo), um Pixinguinha (chôro) e um Camargo Guarnieri (modernismo nacionalista) serão “clássicos” neste sentido amplo, sem perigo algum de estarmos incorrendo num erro de classificação indevida.

### 2. Escolas, correntes e tendências ditas Clássicas

Em música, os usos e sentidos modernos (ou seja, pós idade média) do termo “classicismo” apresentam duas tendências bem distintas, cada uma relativa a uma centuária específica:

<sup>1</sup> TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. B.H.: Itatiaia, 1989.

<sup>2</sup> ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982. CLÁSSICO: No fim da latinidade o adjetivo designava o que é excelente na sua classe ou pertencente a uma classe excelente (especialmente a classe militar). Mas a difusão da palavra para designar um modo ou estilo particularmente excelente - e próprio dos antigos - na arte e na vida é devida ao Romantismo que se comprazia em definir-se e entender-se a si mesmo em relação ao “classicismo”. Segundo Hegel, a classicidade é definida pela unificação completa do conteúdo ideal (a perfeição concebida) com a forma sensível (aquela que pode ser percebida pelos sentidos). Dessas noções do Hegel, repetidas em forma um pouco diferente por numerosos escritores do período romântico, nasceu a idéia convencional do classicismo como medida, equilíbrio, serenidade e harmonia.

<sup>3</sup> ABBAGNANO, *id.* RENASCIMENTO. A palavra e o conceito de Renascimento, têm origem religiosa: é o segundo nascimento, o nascimento do homem novo ou espiritual de que falam o Evangelho de São João e as Cartas de São Paulo. Conceito e palavra conservam-se durante toda a Idade Média para indicar a volta do homem a Deus, a sua devolução àquela vida que perdeu com a queda de Adão. Pelo contrário, a partir do séc. XV a palavra é empregada para indicar uma renovação moral, intelectual e política obtida através daquela civilização em que se julga que o homem tenha conseguido sua maior realização: a civilização greco-romana. Portanto, o Renascimento foi levado a sublinhar polemicamente sua própria diferença de orientação da idade medieval, em sua tentativa de se ligar diretamente a idade clássica. Contudo, de outro lado, não faltam os elementos de continuidade entre a Renascença e a Idade Média, e muitos dos problemas e soluções preferidos do Renascimento são os mesmos da Idade Média. Explica-se portanto, porque a interpretação do Renascimento oscila entre os dois extremos de uma oposição radical estabelecida e da continuidade intrínseca do medieval. Os caracteres fundamentais do Renascimento são:

- O Humanismo (ver nota 3): crença no valor do homem e de que a humanidade se realizou em sua forma mais perfeita na antigüidade clássica;
- A renovação religiosa efetivada através de 1) revelação originária na qual teriam se inspirado os próprios filósofos clássicos; 2) tentativa de reatar o contato com as fontes originárias do cristianismo, passando por cima da tradição medieval. (Reforma);
- A renovação das concepções políticas efetivado com o reconhecimento natural das sociedades e dos estados (polis);
- O naturalismo, interesse pela pesquisa direta da natureza.

<sup>4</sup> ABBAGNANO, *id.* HUMANISMO: o termo é usado para indicar duas coisas diferentes, isto é: 1. o movimento artístico, literário e filosófico que teve suas origens na Itália, na segunda metade do século XIV e se difundiu pela Europa, constituindo a origem da cultura moderna (e esse é o nosso caso); e 2. qualquer movimento filosófico que tenha como fundamento a matéria humana ou os limites e interesse do homem. Em seu primeiro significado, que é o histórico, o Humanismo é um aspecto fundamental do Renascimento; exatamente o aspecto para o qual o Renascimento é o reconhecimento do valor do homem em sua totalidade, e a tentativa de compreendê-lo em seu mundo, *que é o da natureza e o da história*. Neste sentido, faz-se iniciar o Humanismo com a obra de Francesco Petrarca (1304 - 1374). As bases fundamentais do humanismo são:

- O reconhecimento da *totalidade* do homem como ser formado de alma e corpo e destinado a viver no mundo e a dominá-lo. O *curriculum* medieval dos estudos era elaborado para um anjo ou uma alma desencarnada. O Humanismo reivindica para o homem o valor do prazer; afirma a importância do estudo das leis, da medicina e da ética contra a metafísica; nega a superioridade da vida contemplativa sobre a ativa (em música: polifonia); exalta longamente a dignidade e a liberdade do homem, reconhece o seu lugar central na natureza e o seu destino de dominador.
- O reconhecimento da *historicidade* do homem, isto é, dos vínculos (de união e de contraposição) do homem com o seu passado. Daí a exigência *filológica*. (Note-se que, a admiração e o estudo da antigüidade nunca faltaram na Idade Média, aquilo que constitui o próprio da Renascença é a exigência de descobrir o vulto autêntico da antigüidade, livrando-o das incrustações acumuladas na Idade Média).
- O reconhecimento do *valor humano* das letras clássicas (e da arte). Este é o aspecto do qual o Humanismo toma sua denominação. Na cultura latina, a palavra *humanitas* significava a educação do homem como tal, aquilo que os Gregos chamavam de *paideia*; e eram reconhecidas nestas “boas artes” as disciplinas que formam o homem, porque são próprias dele, e o diferenciam dos outros animais.
- O reconhecimento da *naturalidade* do homem, então, sendo um ser natural, o conhecimento da natureza não é uma distração imperdoável ou um pecado, mas um elemento indispensável de vida (é o reflorescimento do aristotelismo, o prelúdio da ciência moderna).
- e)

	<i>rótulo em música</i>	<i>rótulo nas artes</i>	<i>rótulo em literatura</i>
o <i>quincentismo</i> 1500 — 1600  século XVI	<p><b>“RENASCENÇA”</b></p> <p>é a época que vai de Josquim (1440 /1521) à Palestrina (1525 / 1594) !!!</p> <p>do Modal para o Tonal do Vocal para o Instrumental do Contraponto para a Harmonia</p>	<p><b>“CLASSICISMO”</b> e/ou <b>“RENASCENÇA”</b></p> <p>é a época de Leonardo, Rafael, Miguel Ângelo, Bellini, Ticciano, Corregio !!!</p> <p>da “perspectiva atmosférica” para a “perspectiva linear”...<sup>5</sup></p>	<p><b>“CLASSICISMO RENASCENTISTA”</b></p> <p>é a época de <i>Petrarca, Boccaccio, Chaucer, Spencer, Shakespeare</i> e o lusitano <i>Camões</i> !!!</p>
o <i>setecentismo</i> 1700 — 1800  século XVIII	<p><b>“CLASSICISMO”</b></p> <p>é a época que de <i>Mozart, Haydn e Beethoven</i> !!!</p> <p>da “melodia acompanhada”, das formas de “sonata”</p> <p>† Bach 1750 ————— † Beethoven 1827</p>	<p><b>“NEOCLASSICISMO”</b> ou <b>“ROCOCÓ”</b></p> <p>é a época de Delacroix, Watteau, Fragonard, David, Goya...</p>	<p><b>“ARCADISMO”</b> e/ou <b>“NEOCLASSICISMO”</b></p> <p>é a época de <i>Diderot, Voltaire, Schiller, Goethe, Byron...</i></p>

## 2. Características de um “gosto” clássico

- Imitação dos antigos:** o sentido do termo “imitação” (mimese<sup>6</sup>) não significa cópia ou plágio, mas sim, uma acomodação da experiência artística dos antigos à realidade contemporânea. O conceito de “originalidade” não se contrapõe ao conceito de “imitação clássica”. A imitação é uma acomodação, uma transposição de temas constantes no tempo e no espaço, temas que sempre sensibilizaram o homem, adaptados contingencialmente às épocas e lugares<sup>7</sup>. Petrarca imita os antigos (Virgílio, Horácio, Catulo, Ovídio e Propérnico) é admirado e imitado.
- Idealismo:** A concepção de arte para o clássico, repousa no princípio da imitação. Quando Aristóteles diz “A arte é a imitação das coisas como elas deveriam ser” notamos uma segunda concepção de imitação. A arte deforma, ou corrige a natureza, é uma imitação estética, ou “imitação corretora”. Nela não se considera o homem como é, e sim como deveria ser. A imitação clássica, gera uma realidade transfigurada que, muito embora calcada no mundo real, estabelece um modelo superior ao que existe. De novo Aristóteles: “A diferença entre a comédia e a tragédia é que esta pinta os homens melhores e aquela, os piores homens que encontramos” (Poética II).
- Racionalismo e universalismo:** a função do artista clássico é a de recriar a realidade no que ela tem de *universal*, de *verdade moral e estética* para a *razão*. Daí o apego clássico à dois princípios ideológicos fundamentais: o racionalismo e o internacionalismo. Estes, são frutos do próprio idealismo: os homens ideais criados pelos clássicos não são sentimentalmente concebidos (como fazem os românticos), mas racionalmente, isto é, não são como são, são como deveriam ser, ou como poderiam ser, conforme a razão; criam-se assim, tipos ideais: Aquiles é o protótipo de valor viril, como Vênus é o modelo da beleza feminina. O amor decantado por Petrarca é aquele espiritual, platônico, imortal e casto, que traduz a insatisfação da alma, pois os seus mais ardentes anseios são inatingíveis. O amor é servo da beleza imortal e a mulher, reflexo da beleza eterna e absoluta, deve ser amada em espírito.
- Fixação dos Gêneros:** As formas fixas caracterizam a arte dos clássicos. O período clássico é por excelência o da estabilidade. Cada gênero, cada espécie e forma, são delimitados rigidamente por essa escola.
- Equilíbrio entre fundo e forma:** Entre as faculdades criadoras (razão x imaginação) deve reinar harmonia. Assim, a razão controla os abusos da imaginação e dosa o sentimento para que ele não descambe em sentimentalismo; o sentimento e a imaginação, por sua vez, tratam de controlar a razão a fim de que essa não se transforme em racionalismo absoluto.
- A arte deve ser objetiva e agradar; temas hão de ser os de interesse e inteligibilidade comuns; nem complicação na técnica nem facilitações em demasia;
- A linguagem torna-se comum pelas imagens repetidas em chavões, facilmente relegadas a clichês.
- Interesse pelo geral está acima do que o pelo particular; pela idéia mais do que pela coisa.

<sup>5</sup> Na “perspectiva aérea” ou “atmosférica” o efeito é obtido pela diminuição gradual da intensidade da cor local e do contraste entre o claro e o escuro, de forma que tudo que se encontre distante, tende para um tom levemente azul-acinzentado. Na “perspectiva linear”, que se desenvolve ao longo do século XV, é usado um sistema de linhas paralelas em ângulo reto com o ângulo da pintura que convergem em um único ponto de fuga no horizonte, na tentativa de produzir um efeito semelhante a percepção visual humana, isso pressupõe um contemplador imóvel e impõe rígidas limitações ao artista.

<sup>6</sup> Verbetes: mimese [Do gr. mímēsis. 'imitação.']: imitação ou representação do real na arte, ou seja, a recriação da realidade.

<sup>7</sup> É o tal do “conteúdo ideal” do Hegel, é atemporal e extrapola a finitude: a arte clássica é para sempre, pois oborda os temas de sempre...